

so teve como novidade a participação de numerosos investigadores leigos, os quais podem ajudar a corrigir muitas visões tópicas e parcelares da historiografia franciscana, defendidas por vezes em razão da pertença a um ou outro ramo da família franciscana.

Além de muitos outros (historiográficos, biográficos, etc.), numerosos temas novos são aqui abordados: política, economia, vida social, pensamento, espiritualidade e religiosidade popular. Agrupam-se em quatro grandes secções, correspondentes às do Congresso: 1ª Os conventuais até 1567; 2ª Reformas e supressão; 3ª Por detrás da supressão e desde a restauração; 4ª Pensamento e pregação.

Uma interessante e pertinente conferência de abertura precede o conjunto das comunicações. Assinada por Orlando Todisco, OFMConv, Leva como título «Attualità del pensiero franciscano», versando «Il bene misura del vero» (na trad. castelhana, «El bien, medida de la verdad»). Além das suas (possíveis) repercussões sobre a vida do mundo na actualidade, aborda, com profundidade e fundamentação, dentro do espírito franciscano, o primado do bem sobre a verdade. Não sem uma referência à tese de E. Lévinas, de que a ética detém o primado sobre a ontologia.

JORGE COUTINHO

XAVIER, São Francisco, **Obras Completas**, Introd. de Mário MARTINS, SJ, Edições A. O. / Edições Loyola, Braga / São Paulo (Brasil), 2006, 820 p., 210 x 150, ISBN 972-39-0659-7 (A.O.) / 85-15-03211-2 (Loyola).

Cuidadosamente preparada pelo P. Francisco Sales Baptista, SJ, com particular incidência na adaptação ao modo actual da expressão

em língua portuguesa, esta edição das Cartas e outros escritos de S. Francisco Xavier assume e completa a pequena selecção editada no Porto em 1952 e organizada pelo P. Mário Martins, SJ, de quem reproduz a Introdução Geral. A fonte de uma e outra é a parte da edição crítica da *Monumenta Historica Societatis Iesu* que leva por título *Epistolae S. Francisci Xavierii aliaque eius scripta*, Roma 1944-1945.

Constituindo, na intenção dos editores, mais um acto significativo no interior das comemorações do V Centenário do nascimento do grande missionário jesuíta, oferece um acervo documental de grande valor para o conhecimento, o estudo e a familiaridade espiritual com o grande missionário, que foi também co-fundador da Companhia de Jesus. Sem prejuízo para o que, destes documentos, pode servir para o conhecimento do tempo, das mentalidades e das culturas em que exerceu a sua missão.

LUÍS SALGADO

LOPES, Dinis da Silva, **Monografia de São Miguel de Laundos – Póvoa de Varzim**, col. «Na linha do horizonte – Biblioteca Poveira» 11, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2006, 190 p., 240 x 155, ilustrado, ISBN 972-99039-1-3.

Trata-se da 3.ª edição desta monografia, tendo saído a primeira in *Póvoa de Varzim – Boletim cultural*, 1981-84, com 100 separatas; a segunda em 1985 com 1000 exemplares. Portanto, uma monografia numa paróquia do concelho de Póvoa de Varzim a qual se foi aperfeiçoando com o tempo, como aliás se escreve no texto.

A primeira observação vai para o título demasiado extenso, podendo ter sido apenas um destes dois: *Monografia de São Miguel de Laundos* ou *Monografia de Laundos*.

Compõe-se de oito partes, que melhor seria denominar capítulos. A **primeira** trata da **situação e limites da freguesia**, ou seja, da sua identificação. A base documental foi o tombo de 1548 no fundo do Registo Geral, no Arquivo Distrital de Braga, que se publica em duas colunas, a segunda com o texto em linguagem de hoje. Dada a antiguidade do documento, foi acompanhado de preciosas notas, que muito o enriquecem. Preferiria apenas o texto na linguagem moderna com as notas, algumas delas até já inseridas nele, com o da sua leitura paleográfica em apêndice documental. Nesta parte limitou-se às confrontações com as freguesias vizinhas, ilustradas muito louvavelmente com os marcos divisórios.

A **parte seguinte** aborda o **onomástico** ou topónimo de Laundos. O autor inventariou, com mestria, os vários documentos até 1682 onde se regista esse nome. Creio tatar-se de inventariação exaustiva ou quase até à volta de 1500, incluindo depois apenas alguns, tal é a abundância de fontes. O primeiro de 1033 (o n.º 281 dos *Diplomata et chartae*) sob a denominação de *Lanutos*, depois as principais inquirições (esquecendo-se dos censuais), as *rationes decimarum*, o numeramento de 1531 (o referente à Casa de Bragança não data de 1527) e outros, registando já a grafia actual em 1400, 1548 e 1682. Explicou também razoavelmente a evolução fonética. No fundo *lanutos*>*lanudos*>*Laundos*>*laudus*>*laudes*, estas duas formas incorrectas por não corresponderem à evolução fonética, que mantém o *n* para a nasalização. Aborda também a respectiva significação: *lanutos* é o acusativo masculino plural do adjectivo latino *lanudus*, *a, um*; este formado de *lana*, *ae*, lã. Vê-se, pois, que se aplicava a homens (em latim *homines*). Quanto ao significado, não é outro que peludo ou lanzudo. Laundos significa, portanto, terra de homens peludos por oposição a glabros. O autor ocupou-se ainda d forma mais correcta para exprimir os

habitantes dessa terra: primeiro usou *lanudenses* e agora, com base no étimo correcto, passou a preferir *lanutenses*; talvez não caia mais mal *lanudenses*, formada da segunda grafia mais antiga.

A **parte terceira** foi consagrada à **geologia e hidrografia**, em geral com muito pouca aplicação às monografias, especialmente a primeira por se tratar de tema sem relação directa com o homem e de matéria demasiado técnica e especializada para o comum leitor das monografias. Mas nesta de Laundos até tem certa pertinência por causa da natureza do solo e subsolo da freguesia, pois trata-se de praia fóssil. Depois relaciona-se muito com a sua toponímia. Em face disso é de aceitar, embora com certa relutância, a extensa transcrição da *Carta geológica de Portugal* no tocante a Laundos. A segunda parte desta parte (preferiria o “segundo artigo deste capítulo”) descreve a hidrografia, ou seja, os rios, fontes e poços, com base primordialmente nas *memórias paroquiais* de 1758 (o tal *Dicionário Geográfico* de Luís Cardoso): três fontes, um regato e doze moinhos, sem ponte alguma; posteriormente construíram-se duas. Mas o autor corrigiu e aperfeiçoou essa relação acrescentando-lhes três fontes: a das Minas, a do Meigo ou Fonte Fria e a das Águas Férreas. As duas últimas especialmente importantes por serem reputadas medicinais.

A **população** ou demografia é na alisada muito sumariamente na **parte quarta** sem referência a taxas de natalidade nem de mortalidade nem de nupcialidade; e muito menos a esperança de vida, natalidade e mortalidade infantil, concepções nupciais e pré-nupciais, emigração, etc. Arranca, sobretudo, do tombo de 1548, que portanto não se limitou aos limites entrando também nos bens do assento e da Igreja, nos caseiros que os trabalhavam, penso que por emprazamento de três vidas e nas respectivas imposições. O numeramento de 1531 atribui-lhe 34

“famílias” sob a denominação de vizinhos; o tomo de 1548 regista os nomes de onze lavradores, cinco caseiros da igreja e três senhorios de terras; o P. Manuel Amorim atribui-lhe no final deste século 56 fogos. Depois aponta mais dados quantitativos no século XVIII: a *Corografia Portuguesa* do P. Carvalho da Costa refere 62 famílias no início e as *memórias paroquiais* do P. Luís Cardoso 94 casas com 289 pessoas. Remata com o censo de 2001 completando o panorama demográfico o quadro sinóptico da p. 66. Nesta parte o autor faz uma curta descrição da actividade económica, especialmente dos moinhos caseiros, a qual iria melhor, penso, na parte oitava

A **parte quinta** estuda os numerosos **lugares da freguesia**: de cada um refere as casas principais, os moinhos, as fontes, as capelas, as alminhas, etc., tudo ilustrado com boas fotografias policromáticas. Merece relevo o assalto e tentativa de roubo à Residência Paroquial, na noite de 3 para 4 de Dezembro de 1905, por uma célebre quadrilha, de que fazia parte João Gonçalves Ferreira, de al-cunha Matias, de Macieira de Rates, que foi atingido mortalmente por um tiro disparado pelo abade José Fernandes Pereira, natural de Gemeses. Aí ficou logo inanimado, tendo de fugir os restantes quadrilheiros devido ao rápido concurso de fregueses convocado pelo alarme do sino tocado a rebate, de casa, pela fiel criada. Neste capítulo só se lamenta a falta de um estudo filológico de cada topónimo, trabalho mais de especialistas, embora o autor cite boas fontes e o especialista Domingos A. Moreira, pároco de Pigeiros, concelho de Vila Nova da Feira.

A **parte sexta** vai dedicada à **paróquia de S. Miguel de Laundos**. Aborda a vida paroquial sem entrar, com a profundidade que merecia, nas origens da paróquia, algo sobre orago S. Miguel, a categoria da paróquia (neste particular das mais distintas por ser abadia), a igreja paroquial com os altares

e suas imagens, as confrarias, o torreão com a correcção (oxalá que verdadeira) da opinião do saudoso P. Manuel Amorim e a sua função de cemitério até finais do século XIX (não especifica até quando); depois um breve e muito condensado elenco dos abades e a agitação com a República. Lastimo a falta duma boa análise dos livros paroquiais, como o(s) livro(s) de visitas, só referido esporadicamente a respeito da torre e para corrigir o melhor especialista contemporâneo da história poveira, o costumeiro (se o tem; senão podia lá chegar parcialmente através dos assentos do registo paroquial), algo mais sobre as confrarias e sobre as festas. Nada refere sobre o clero não paroquial (creio que o houve) e sobre os letrados da paróquia. Nada sobre a moralidade e criminalidade, quando há alguns livros cheios de informações sobre isso.

Segue-se a **parte sétima** dedicada às **capelas** com dois capítulos, aplicando-se o maior à capela de S. Félix. Neste o autor descreve desenvolvidamente a biografia do santo apoiando-se na coluna historiográfica do saudoso mestre Prof. Doutor Avelino de Jesus da Costa, aceitando a sua opinião a respeito de S. Pedro de Rates e de S. Félix; conseqüentemente rejeição dos falsos cronicões, como o de Losada. O segundo capítulo estuda a capela de Nossa Senhora da Saúde, onde se faz uma importante peregrinação anual no mês de Maio.

Por último, a **parte oitava** a analisar muito sumariamente a **vida social**. Na vertente da assistência, do ensino e da educação refere algo sobre a assistência social, a catequese e escolaridade, danças e cantares, a banda musical, o grupo coral, clubes e teatro, escutismo e romarias. Na da economia não esquece as mulheres da areia que iam trabalhar na sua extracção no Rio Alto; os serradores e lenhadores que se dedicavam ao abate e serração das árvores nos montes e devesas; as segadas de outono e as esfolhadas do milho mais, associadas de

passagem às vindimas; e o trabalho do linho com as respectivas fiadas e espadeladas. O leitor desejaria algo mais sobre a etnografia da freguesia, mais sobre as principais famílias e casas, e sobre os seus homens de maior projecção nas letras e na religião, na política e até na economia e nos negócios.

Infelizmente, falta-lhe uma boa conclusão a justificar o estudo e a condensar os seus resultados. O estudo conclui com curta bibliografia, onde nada se menciona do Arquivo Distrital do Porto e do de Braga apenas o tomo de Laundos de 1548. Por outro lado, não se referem os livros que existem no arquivo paroquial, certamente com os extractos desde 1860 a 1911 e com todos os do registo civil paroquial posteriores até ao presente, com excepção do *livro de visitas*, de que não menciona a cronologia. Seguem-se os índices onomástico, das gravuras e geral das matérias.

Em suma: uma monografia valiosa elaborada com muito trabalho e amor, com informações muito importantes e úteis, bem apresentada tanto na qualidade do papel como na impressão e encadernação, e que muito honra o seu laborioso pastor. Que bom era que se aperfeiçoasse nas suas lacunas!

FRANQUELIM NEIVA SOARES

JESÚS, Teresa de, **Libro de la vida**, «Biblioteca clásicos cristianos», San Pablo, Madrid, 2007, 452 p., 190 x 120, ISBN 978-84-285-3048-4.

Vd. em ESPIRITUALIDADE

ESPIRITUALIDADE

JESÚS, Teresa de, **Libro de la vida**, Introd. de Tomás Álvarez, «Biblioteca clásicos cristianos», San Pablo,

Madrid, 2007, 452 p., 190 x 120, ISBN 978-84-285-3048-4.

Revisto pelo mestre espiritual da autora, São João de Ávila, sujeito durante anos à censura e proibição da Inquisição, este livro acabou por vir à luz pela primeira vez em 1588, por obra de Frei Luís de León.

Como os demais escritos de Teresa de Jesus, é simultaneamente um clássico da literatura espiritual e da literatura «tout court». De facto, é sabido que Santa Teresa se inclui entre os grandes clássicos da literatura espanhola. Se outros motivos não houvesse, este seria bastante para convidar à sua leitura. E também pela muita informação que presta como documento histórico de uma época com a sua cultura própria, no início da longa crise da cristandade e já com horizontes abertos sobre a África e as Américas.

Mas a verdade é que esta autobiografia interessa, acima de tudo, pelo seu denso conteúdo de espiritualidade, que decorre da experiência mística da autora, na concretude do curso real da sua vida. Escrito sob a inspiração e o modelo das *Confissões* de Santo Agostinho, e lembrando a autobiografia de outra Teresa, também ela carmelita e também ela santa, do que se trata é, acima de tudo, da «história de uma alma». Como escreve, na Introdução, Tomás Álvarez, estamos perante uma «narração introspectiva, ao mesmo tempo psicológica e mística, com análises e avaliações de estados e transes filigranados e subtis, que, em definitivo, a levarão a contar ao leitor a grande travessia da sua alma desde o humano até ao divino» (p. 6).

Um livro para ter à mesa de cabeceira. A ler com o espanto de quem se dá conta de como e quão fortemente opera a graça de Deus naqueles que predestinou para a santidade e que ao seu desígnio não resistem. Mas também para aprender muitas coisas sobre os caminhos e modos subtis como o